


Revista do Ministério Público do Estado do Rio de Janeiro



Repositório autorizado de jurisprudência
do Egrégio Supremo Tribunal Federal
Registro nº 25/99, de 22/04/1999
DJU nº 72, de 16/04/1999, p.1

Repositório autorizado de jurisprudência
do Egrégio Superior Tribunal de Justiça
Registro nº 37 – Portaria nº 1, de 26/10/1998
DJU de 05/11/1998, p.137 - Registro retificado
Portaria nº 9, de 14/06/1999 – DJ 22/06/1999

O messianismo apocalíptico: as figuras messiânicas no Quarto Livro de Esdras

Helber Augusto de Paiva*

Sumário

1. Introdução. 2. A literatura judaica relacionada a Esdras. 2.1. O livro: época e estrutura. 3. Os Messias na 3ª (6,35 – 9,25), 5ª (11,1 – 12,50) e 6ª (13, 1-58) visões. 3.1. Características do Messias na 3ª visão. 3.2. Características dos Messias na 5ª e 6ª visões. 4. As figuras messiânicas: semelhanças e diferenças. 4.1. Relação. 5. Conclusão. Referências Bibliográficas.

Resumo

Este artigo objetiva apresentar as características e a missão de cada uma das figuras messiânicas, mencionadas no *Quarto Livro de Esdras*. O livro, considerado como extracanônico, foi escrito com o intuito de transmitir sinais de esperança ao povo judeu, com a vinda do Messias que vai vingar Israel de seus inimigos, após a destruição de Jerusalém pelos romanos no ano 70 d.C.

Abstract

This article aims to present the characteristics and the mission of each of the messianic figures, mentioned in the Fourth Book of Esdras. The book, which is considered as extracanonical, was written in order to transmit signs of hope to the Jewish people, based on the coming of the Messiah, who will revenge Israel on their enemies, after Jerusalem's destruction by the romans in the year 70 CE.

Palavras-chave: Messianismo. Literatura apocalíptica judaica. Quarto livro de Esdras. Revelação. Esperança.

Keywords: *Messianism. Jewish apocalyptic literature. Fourth Book of Esdras. Revelation. Hope.*

* Graduado em Gestão Financeira pela Universidade Veiga de Almeida (UVA). Graduando em Teologia pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Analista de planejamento e organização do Instituto Interdisciplinar de Leitura da PUC-Rio.

1. Introdução

A partir do século I d.C., surgiram diversos escritos que ampliaram o desejo e a espera de um messias libertador e salvador. É nesse contexto que surge o Quarto Livro de Esdras, que apresenta, em perspectiva apocalíptica, uma concepção multifacetada do messias.

O Quarto livro de Esdras identifica-se com o personagem Esdras, que possui papel relevante nos livros canônicos de Esdras e Neemias, pois além do seu personagem principal se autodenominar Esdras (4Esdras 3, 1-2), faz referência à destruição de Jerusalém pelos babilônios como uma alusão à destruição de Jerusalém pelos romanos no ano 70 d.C.

O estudo se desenvolveu a partir de uma leitura específica do Quarto Livro de Esdras, lido na tradução portuguesa² de C. M. de Tillesse, com apoio de diversas leituras das concepções apocalípticas judaicas da época. Assim, foi possível apresentar as características pessoais, a missão e as mútuas relações de cada uma das figuras messiânicas mencionadas no livro, possibilitando entender a sua importância para a comunidade judaica da época e também para os cristãos dos primeiros séculos.

2. A literatura judaica relacionada a Esdras

Existem algumas hipóteses possíveis sobre a identificação e caracterização da figura de Esdras, porém, as fontes bíblicas nos dizem poucas coisas. De acordo com o capítulo 7 do livro de Esdras, o personagem parece ter sido sacerdote, escriba ou alguma autoridade religiosa cuja missão era a de reconstrução moral, administradora e religiosa da comunidade judaica durante o reinado de Artaxerxes, rei da Pérsia. Esdras chega em Jerusalém vindo da Babilônia no sétimo ano de Artaxerxes (Esd 7,7), próximo do ano 458 a.C., portanto no período pós-exílio.³

Ainda neste mesmo período, aparece a figura de Neemias, um personagem que estava a serviço do rei persa, provavelmente um alto funcionário⁴ ou, talvez, um governador (Ne 12, 26) e que relata sobre as dificuldades dos sobreviventes do cativo da Babilônia que viviam em grande miséria e humilhação, após a destruição de Jerusalém (Ne 1, 3-4).

Existem estudos que afirmam que, literariamente, os livros de Esdras e Neemias poderiam fazer parte de uma única unidade conhecida como Esdras-Neemias. Apesar de não termos a certeza da unicidade dos dois livros, podemos identificar em Ne 12, 26,

² SPARKS, H.F.; TILLESSE, C. M. Revista Bíblica Brasileira, nº 17: Apócrifos do Antigo Testamento, p. 292-325, 2000.

³ Supondo que se trate do primeiro rei desse nome. Porém, alguns autores adotaram a opinião, que se refere a Artaxerxes II, tendo Esdras chegado a Jerusalém em 398 a.C. CAMPOS SANTIAGO, J. Segunda parte: História Cronista, Capítulo VII: Os Livros de Esdras e Neemias. In: SÁNCHEZ CARO (ed.), J. M. História, Narrativa, Apocalíptica, 2000, p. 268.

⁴ CAMPOS SANTIAGO, J. Segunda parte: História Cronista, Capítulo VII: Os Livros de Esdras e Neemias. In: SÁNCHEZ CARO (ed.), J. M. História, Narrativa, Apocalíptica, 2000, p. 288.

que os personagens Esdras e Neemias atuaram juntos em um determinado período, evidenciando literariamente a contemporaneidade dos dois principais personagens.

Os livros também narram a obra restauradora de Esdras e Neemias, como uma única e mesma tarefa, realizada por dois agentes distintos, mas contemporâneos (Ne 8,9). São textos que se ocupam da restauração do povo judeu após a destruição de Jerusalém pelos babilônios e descrevem a reconstrução de Judá durante o período do domínio persa (539 – 331 a.C.), momento obscuro e difícil, mas tão importante para a configuração definitiva do judaísmo.⁵

Os livros canônicos de Esdras e Neemias aparecem na tradução latina da Vulgata como *1Esdras* e *2Esdras*, respectivamente. Na tradução grega da Septuaginta (LXX), Esdras é identificado como *2Esdras* ou *Esdras β* e Neemias como *3Esdras* ou *Esdras γ*. Temos ainda os livros não canônicos de 3Esdras e 4Esdras, que também se apresentam na Vulgata como 3Esdras e 4Esdras. Na Septuaginta (LXX), 3Esdras encontra-se como *1Esdras* ou *Esdras α* e 4Esdras como *O profeta Esdras* ou *Apocalipse de Esdras*.⁶

O Quarto livro de Esdras está inserido num conjunto de livros conhecidos como “apócrifos do Antigo Testamento”⁷, obras da literatura judaica dos séculos II e I a.C., e dos séculos I e II d.C., que contêm temas relacionados, de alguma forma, com o Antigo Testamento e não se encaixaram em um *corpus* determinado, nem podem ser atribuídos a autor conhecido.⁸

Esses apócrifos do Antigo Testamento são chamados pelos protestantes de “pseudoepígrafos”, em virtude da pseudonímia de seus autores, escritos em que o autor real assume o nome de um personagem do Antigo Testamento como veículo das suas próprias ideias e, dessa forma, dá a sua obra, uma semelhança com outras anteriores que já gozavam de autoridade.⁹ Porém, para os protestantes, os “livros deuterocanônicos” do Antigo Testamento¹⁰, são considerados apócrifos.

Pérez afirma que “devido à época de composição de muitos apócrifos, estes escritos passaram a ser identificados, em terminologia recente, como “literatura intertestamentária”, isto é, situada entre o Antigo Testamento e o Novo Testamento, sem pertencer a nenhum deles”.¹¹

Ainda, conforme Pérez, o conceito “intertestamentário” explica bem esse conjunto dos apócrifos do Antigo Testamento, pois oferecem o pensamento e as

⁵ OROFINO, F. A. Anistia de Neemias, p. 1-2.

⁶ CAMPOS SANTIAGO, J. Segunda parte: História Cronista, capítulo VII: Os Livros de Esdras e Neemias. In: SÁNCHEZ CARO (ed.), J. M. História, Narrativa, Apocalíptica, 2000, p. 254.

⁷ A palavra “apócrifo”, significa oculto. Apócrifos são textos que não fazem parte do cânon das Escrituras Sagradas. Neste caso específico, não são reconhecidos nem por judeus e nem por cristãos.

⁸ PÉREZ, G. A. Segunda parte: Apócrifos do Antigo Testamento, capítulo I: Introdução. In: PÉREZ, G. A; MARTÍNEZ, F. G; FERNÁNDEZ, M. P. Literatura Judaica Intertestamentária, 2013, p. 219.

⁹ *Ibidem*, p. 220.

¹⁰ São alguns livros ou partes de livros do A.T., que foram compostos em grego e se encontram na Septuaginta (LXX), mas não fazem parte da Bíblia hebraica. Escritos excluídos do cânon da tradição judaica, mas que fazem parte do cânon católico.

¹¹ PÉREZ, G. A. Segunda parte: Apócrifos do Antigo Testamento, capítulo I: Introdução. In: PÉREZ, G. A; MARTÍNEZ, F. G; FERNÁNDEZ, M. P. Literatura Judaica Intertestamentária, 2013, p. 220.

formas de expressão judaicas nas quais se forjou o Novo Testamento e constituem, em muitos aspectos, a ponte entre ambos os Testamentos.¹²

Muitos apócrifos do Antigo Testamento, chegaram até nós, principalmente, por causa das igrejas cristãs que conservaram esses livros desde os primeiros séculos. Muitos deles haviam sido escritos em hebraico ou aramaico e depois foram traduzidos para o grego. Do grego surgiram as traduções em latim, etiópico, copta, armênio, eslavo e outras línguas nas quais se desenvolveu a Igreja. Os cristãos traduziram e copiaram essas obras porque percebiam nelas anunciados Jesus Cristo e a Igreja.¹³

Nos séculos anteriores à era cristã e mesmo no tempo do Novo Testamento (século I), produziram-se nos ambientes judaicos diversas obras que tratavam de mensagens transmitidas pelos profetas ao povo de Israel, que indicavam a causa dos seus males, e prometiam mudanças da realidade para o futuro, ampliando-se o horizonte em níveis cósmico e universal. As mensagens centrais de muitas destas obras são apresentadas como “revelação” direta de Deus a seus autores ou aos protagonistas dos livros, razão pela qual esses livros recebem o nome de *literatura apocalíptica*.¹⁴

Segundo Collins, define-se um apocalipse como:

[u]m gênero de literatura revelatória com estrutura narrativa, no qual a revelação a um receptor humano é medida por um ser sobrenatural, desvendando uma realidade transcendente que tanto é temporal, na medida em que vislumbra salvação escatológica, quanto espacial, na medida em que envolve outro mundo, sobrenatural.¹⁵

Após a revolta judaica contra Roma que estourou em 66 d.C., mas especificamente após a destruição de Jerusalém pelos romanos no ano 70 d.C., apareceram vários apocalipses importantes, como: *4Esdras*, *2Baruc* e o *Apocalipse de Abraão*, todos os quais foram provavelmente escritos na terra de Israel. Esses textos aparecem e podem, por isso, serem compreendidos como respostas judaicas àquela tragédia nacional. Collins acredita que “a mais absorvente, profunda e problemática dessas obras é com certeza *4Esdras*, que figura como um dos melhores apocalipses”.¹⁶

¹² Ibidem, p. 220.

¹³ Ibidem, p. 225.

¹⁴ PÉREZ, G. A. Segunda parte: Apócrifos do Antigo Testamento, capítulo II: Os apocalipses: origem do mal e vitória de Deus. In: PÉREZ, G. A.; MARTÍNEZ, F. G.; FERNÁNDEZ, M. P. *Literatura Judaica Intertestamentária*, 2013, p. 243.

¹⁵ COLLINS, J. J. *A Imaginação Apocalíptica*, 2020, p. 22.

¹⁶ Ibidem, p. 280.

2.1. O livro: época e estrutura

O livro originariamente pode ter sido escrito em hebraico ou aramaico, mesmo que só conheçamos sua tradução grega. Da tradução grega surgiram as versões: latina, síriaca, copta, etiópica, árabe, armenia e georgiana.¹⁷

O autor, provavelmente um escriba, não necessariamente um palestinese, autointitulado Esdras, que no texto aparece como Salatiel.

O 30º ano (Ez 1,1)¹⁸ da ruína da cidade, estava em Babilônia, eu, Salatiel, chamado também Esdras. Repousando no meu leito, estava perturbado e meus pensamentos tumultuavam meu coração.¹⁹

Viveu provavelmente no final do século I d.C., e utilizou-se da queda de Jerusalém pelos babilônios em 587 a.C. como um ambiente ficcional e propício para fazer uma alusão à destruição romana de Jerusalém no ano 70 d.C., por Tito, filho do General Vespasiano.²⁰

A maioria das tentativas de datação baseou-se na visão dos capítulos 11-12 de uma águia com doze asas e três cabeças. A águia é o império romano e, provavelmente, as três cabeças representam os flavianos – Vespasiano, Tito e Domiciano –, e é possível que as doze asas sejam os imperadores de César a Domiciano.²¹

Nickelsburg acredita que:

Quarto Esdras é um apocalipse, uma coleção de visões revelatórias unidas por uma moldura narrativa. O “enredo” da narrativa reconta a transformação de Esdras de alguém que lamenta a destruição de Jerusalém e critica o que ele percebe ser injustiça de Deus em alguém que entende os caminhos de Deus no mundo e que transmite a revelação confortadora e doadora de vida de Deus.²²

Para Collins:

¹⁷ CAMPOS SANTIAGO, J. Segunda parte: História Cronista, capítulo VII: Os Livros de Esdras e Neemias. In: SÁNCHEZ CARO (ed), J. M. História, Narrativa, Apocalíptica, 2000, p. 254.

¹⁸ O número de 30 anos é tomado de Ezequiel 1,1. COLLINS, J. J. A Imaginação Apocalíptica, 2010, p. 281.

¹⁹ Cf. 4Esdras 3,1.

²⁰ NICKELSBURG, G.W.E. Literatura Judaica, entre a Bíblia e a Mixná, 2011, p. 502.

²¹ COLLINS, J. J. A Imaginação Apocalíptica, 2010, p. 281.

²² NICKELSBURG, G.W.E. Literatura Judaica, entre a Bíblia e a Mixná, 2011, p. 503.

[a] macroestrutura de 4Esdras é claramente um apocalipse. Esdras é o vidente pseudônimo, que recebe a revelação através da mediação do anjo Uriel, sobre o mundo transcendente que virá.²³

O livro compreende os capítulos 3-14 e possui uma estrutura com sete partes, porém, na “tradução de C. M. Tillesse do texto de Sparks, estas sete partes apresentam-se como sete visões”.²⁴ Quatro capítulos (1-2; 15-16) estão presentes na tradução latina da Vulgata, mas não pertenceram ao livro original, são acréscimos cristãos tardios.²⁵

De acordo com Diez Macho, o livro possui duas partes, a primeira com três diálogos e a segunda parte com quatro visões, sendo que a última visão é considerada por alguns autores uma revelação final.²⁶

A primeira parte é formada por três diálogos entre Esdras e o anjo Uriel. “No final do primeiro e do segundo diálogo, Esdras jejua por sete dias, de acordo com a ordem do anjo. Após o terceiro, ele é solicitado a permanecer sete dias sem jejuar, mas comendo flores do campo.”²⁷

A primeira parte com os três diálogos e seus respectivos capítulos:

- *Primeiro diálogo* (3,1 – 5,19);
- *Segundo diálogo* (5,20 – 6,34);
- *Terceiro diálogo* (6,35 – 9,25).
- A segunda parte com as quatro visões é dividida da seguinte maneira:²⁸
- *Primeira visão* (9,26 – 10,60) – Sião: Consiste na visão de Sião, primeiro como uma mulher, depois transformada em uma cidade;
- *Segunda visão* (11,1 – 12,50) – A Águia: Esdras tem a visão da águia, que é seguida por uma interpretação;
- *Terceira visão* (13,1-58) – O Homem do Mar: A visão onírica do “homem vindo do mar”, se segue a essa interpretação;
- *Quarta visão ou Revelação final* (14,1-48) – Despedida: o propósito principal é permitir a Esdras uma mensagem sumária de despedida do povo, enquanto deixa a recepção dos livros inspirados para o clímax no final.

Assim durante quarenta dias, noventa e quatro livros foram escritos. Quando foram passados os quarenta dias, o Altíssimo me disse: Publica os vinte quatro primeiros livros e que os dignos e indignos os possam ler. Mas guarda os setenta últimos livros, para dá-los aos

²³ COLLINS, J. J. A Imaginação Apocalíptica, 2010, p. 285.

²⁴ SPARKS, H.F; TILLESSE, C. M. Revista Bíblica Brasileira, nº 17: Apócrifos do Antigo Testamento, p. 292-325.

²⁵ DIEZ MACHO, A. Apócrifos del Antiguo Testamento, Vol. I, 1984, p. 250.

²⁶ Ibidem, p. 250.

²⁷ COLLINS, J. J. A Imaginação Apocalíptica, 2010, p. 283.

²⁸ Ibidem, p.283-284.

sábios entre o povo. Porque neles está a fonte da inteligência, a fonte da sabedoria e o rio do conhecimento. E assim fiz.²⁹

Existe uma relação muito próxima de 4Esdras com 2Baruc³⁰, pois são dois apocalipses pseudonimicamente atribuídos a escribas da Antiguidade e empregam a primeira destruição de Jerusalém em 587 a.C. como um ambiente ficcional para uma abordagem da segunda destruição em 70 d.C. As revelações ocorrem tanto em diálogos juntamente com perguntas por informações escatológicas, como em sonhos simbólicos que são interpretados por Deus ou pelo anjo de Deus.³¹ Os dois livros buscam dar esperança a seus destinatários, apresentando-lhes a figura de um Messias vingador.³²

3. Os Messias na 3ª (6,35 – 9,25), 5ª (11,1 – 12,50) e 6ª (13, 1-58) visões³³

Messias na 3ª visão: No capítulo 7, 26-31, percebemos uma menção muito específica sobre o “Messias”. Ele aparecerá por um período delimitado e morrerá com a humanidade, então o mundo voltará para o silêncio original até que venham o julgamento final e a salvação.

Tempo virá em que os sinais que te predisse acontecerão: a esposa, a cidade (invisível) aparecerá, a terra que está hoje escondida será manifestada. Então todos aqueles que tiverem escapado a esses castigos verão minhas maravilhas. Meu filho, o *Messias*, será revelado juntamente com todos aqueles que lhe pertencem. Os sobreviventes alegrar-se-ão durante 400 anos. Depois disso, meu filho, o *Messias*, morrerá com todos os que têm um hálito humano. Então o mundo voltará ao seu primordial silêncio durante sete dias, como era no princípio de tudo, para que ninguém sobreviva. Depois de sete dias, o mundo que não acordou ainda despertará; e o corruptível será destruído.

Messias na 5ª visão: No capítulo 12, 31-34, fala-se sobre o Messias na forma de um leão, que luta contra a água e que vai se levantar da posteridade de Davi. Ele

²⁹ Cf. 4Esdras 14, 44-48.

³⁰ Segundo Collins, o texto de 2Baruc está preservado em um manuscrito siríaco que foi traduzido do grego, mas que provavelmente deriva de um original hebraico. Assim como 4Esdras, o livro é comumente dividido em sete partes ou seções e são contemporâneos. COLLINS, J. J. A Imaginação Apocalíptica, 2010, p. 304-305.

³¹ NICKELSBURG, G.W.E. Literatura Judaica, entre a Bíblia e a Mixná, 2011, p. 527-528.

³² SPARKS, H.F.; TILLESSE, C. M. Apócrifos do Antigo Testamento. Revista Bíblica Brasileira, ano 17, n. 1-2-3, p. 290.

³³ Conforme divisão de Diez Macho que apresentamos no primeiro capítulo deste trabalho, a 3ª visão corresponde ao terceiro diálogo da primeira parte e às 5ª e 6ª visões, correspondem às 2ª e 3ª visões da segunda parte respectivamente.

castigará ateus e injustos, trazendo-os diante do juízo e dizimando-os. O resto do povo fiel será redimido e viverá em regozijo.

Quanto ao leão que viste se levantar da floresta rugindo, falando com a águia e censurando sua impiedade com todas as palavras que ouviste, é o *Messias*, que o altíssimo guardou até o fim dos tempos, e que levantar-se-á da posteridade de Davi. Virá e lhe falará; denunciará suas impiedades e perversidades, e os confrontará com seus insultos. Primeiramente fá-los-á comparecer ainda vivos perante seu tribunal, e depois de os ter condenado, os destruirá. Mas ele libertará com misericórdia o resto de meu povo, os que tiverem sido salvos no meu país, e os alegrará até que venha o fim do qual te falei desde o início.

Messias na 6ª visão: No capítulo 13, 3-4; 25-28, o Messias é identificado como o homem vindo do coração do mar, que vai libertar a criação, comandar os sobreviventes e sem espada ou qualquer outra arma vai destruir os inimigos.

Esse vento fazia aparecer do coração do mar a semelhança de um homem. Esse homem voava com as nuvens do céu. Para qualquer lado que virasse seu rosto, tudo quanto lhe caía na vista tremia. E em qualquer lado, quem ouvisse a voz que saía de sua boca derretia como cera ao fogo.

Eis agora a interpretação da visão: Viste um homem vindo do coração do mar. Esse é aquele que o Altíssimo reservou durante muitos séculos. É ele que libertará a criação e comandará os que tiverem sobrevivido. Viste vento, fogo e tempestade saindo de sua boca. Não tinha espada nem arma de guerra e, no entanto, destruiu aquela multidão que vinha guerrear contra ele.

3.1. Características do Messias na 3ª visão

Na terceira visão o “Messias” é apresentado como “filho” e aparecerá por um período determinado. Segundo Woschitz, fundamental para a tradição do Antigo Testamento é a ideia da eleição e da consequente situação de “filiação”. Israel torna-se o paradigma histórico da eleição divina, exemplificando a doutrina da Criação (Is 45,11; 64,7; Dt 32,6) e concretizando a ideia da Aliança. Essa filiação vem do ato divino da escolha (Os 2,1s) e do agir humano: “Quem age com justiça é um filho de Deus” (Sb 2,18).³⁴

³⁴ WOSCHITZ, K. M. Filhos de Deus/Filiação. In: BAUER, J. B. Dicionário Bíblico-Teológico, p. 159.

Serão 400 anos de paz, onde todos se “alegrarão”, mas depois, esse mesmo Messias morrerá com a humanidade. A menção aos 400 anos, pode ter relação com a cronologia bíblica que divide a história em períodos de 40 anos (ou, respectivamente, 20 ou 80, sua metade e seu dobro) (1Rs 6,1). 400 anos é 10 x 40, um tempo completo (At 7,6). O número 400 indica também uma grande quantidade (Jz 20,2.17; 1Sm 22,2;25,13; 30,10.17; 1Rs 7,19; 10,26; Esd 6,17 *et passim*). Durante os 40 anos do reinado de Davi, o povo viveu em paz, sem a invasão de outras civilizações. Após o reinado de Davi, houve um tempo de prosperidade através do reinado de Salomão, que também durou 40 anos.

No versículo seguinte, esse “Messias” que é humano, morrerá. Segundo Carvalho, a ideia da morte do Messias está provavelmente ligada à concepção apocalíptica de que tudo aquilo que é terreno não pode fazer parte do mundo futuro, sem ser purificado pela morte.³⁵

O mundo voltará ao silêncio original por sete dias, como no princípio e aguardará o julgamento final e a salvação. Os sete dias mencionados pelo autor, podem exprimir um novo recomeço e também uma forte lembrança ao relato da criação. Em 6,35: *“Depois disso, chorei novamente e jejei 7 dias como da outra vez, para se completarem as três semanas de que havia falado”*. Nos versículos 38-54 do capítulo 6, o autor faz memória ao relato da criação em Gênesis, terminando no versículo 54: *“Sobre todos eles colocastes Adão para dominar sobre todas as obras que fizeste”*. Este relato antecede o capítulo 7, que descreve sobre o tempo messiânico que virá, ou seja, o advento de uma nova criação.

De acordo com Carvalho, existiam círculos mais cultos onde se desenvolvia um messianismo de tipo apocalíptico ou milenarista, que fazia coincidir a vinda do messias filho do homem com fim deste mundo e o advento de um mundo novo preparado por Deus.³⁶

Mas o dia do julgamento será o fim deste mundo e o início da idade imortal que vem, onde a corrupção não existirá mais; a intemperança acabar-se-á; a incredulidade será eliminada; mas a justiça crescerá e a verdade aparecerá.³⁷

Santos descreve que no âmbito monárquico, a figura central para a esperança messiânica judaica está na pessoa do Rei Davi ou de sua descendência. Apesar de existir uma ideologia real oficial baseada nos textos sagrados, onde o Messias deveria ser oriundo da casa de Davi, este conceito estava submetido a uma ideologia oficial da realeza.³⁸ Horsley e Hanson suspeitam que o povo simples entendia que outras

³⁵ CARVALHO, J. O. Origem e evolução do messianismo em Israel. Didaskalia, p. 42.

³⁶ Ibidem, p. 48.

³⁷ Cf. 4Esdras 7, 113-114.

³⁸ SANTOS, C.A. Fronteiras entre messianismo judaico antigo e cristianismo primitivo, p. 77.

correntes da tradição antiga eram mais importantes e que o Messias davídico poderia ser qualquer judeu fiel a Torá que o Deus de Israel assim escolhesse e enviasse para libertar e restaurar a nação judaica.³⁹ Destacam também, a promessa de Deus de dar continuidade à aliança feita com Davi, sua descendência de permanecer no trono do Reino de Israel perpetuamente e que o Rei eterno seria o futuro Messias que ocuparia esse Trono.⁴⁰

Santos destaca elementos importantes de alguns autores que atribuem ao Messias davídico, o encargo de intérprete da Lei no período da Era Messiânica para estabelecer a unidade política e religiosa de Israel e também estabelecer a paz universal.⁴¹

3.2. Características dos Messias na 5ª e 6ª visões

A conversão de Esdras é agora consolidada por duas visões oníricas, que mostram claras influências do livro bíblico de Daniel. Em ambas as visões, há semelhanças com o livro de Daniel, mas também divergências, que em parte resultam de novos dados históricos e, principalmente de tradições escatológicas diferentes.

Na segunda noite, tive um sonho: eis que vinha do mar, uma águia que tinha 12 asas empenadas e três cabeças. Ela abriu suas asas sobre o mundo inteiro. Todos os ventos do céu sopraram nela e as nuvens se reuniram ao redor dela.⁴²

Ele me disse: Eis a interpretação da visão que tiveste: A Águia que viste se levantar do mar é o quarto reino que apareceu na visão de teu irmão Daniel.⁴³

Segundo Collins, a águia pode ser compreendida como uma reinterpretação da quarta besta de Daniel 7. Em Daniel, e na visão da águia, o mar era a fonte da qual surgiam as bestas.

Quanto à visão das três cabeças dormindo, eis a interpretação: Nos últimos tempos, o altíssimo suscitará três reis (Imperadores romanos). Renovarão muitas coisas nesse reino e dominarão a terra e seus habitantes de maneira mais tirânica do que todos os precedentes. Por isso, são chamados as cabeças da águia.⁴⁴

³⁹ HORSLEY, Richard A; HANSON, John S. Bandidos, Profetas e Messias: movimentos populares no tempo de Jesus, p. 92.

⁴⁰ Ibidem, p. 96.

⁴¹ SANTOS, C.A. Fronteiras entre messianismo judaico antigo e cristianismo primitivo, p. 78.

⁴² Cf. 4Esdras 11, 1-2.

⁴³ Cf. 4Esdras 12, 10-11.

⁴⁴ Cf. 4Esdras 12, 22-24.

Além dessas semelhanças, há também divergências para com o livro de Daniel, especificamente pela introdução de motivos literários associados com o messias davídico, que não existia em Daniel.

No messias da 5ª visão, há uma identificação com a linhagem de Davi e ele possui funções de juiz.

Primeiramente fá-los-á comparecer ainda vivos perante seu tribunal, e depois de os ter condenado, os destruirá. Mas ele libertará com misericórdia o resto de meu povo, os que tiverem sido salvos no meu país, e os alegrará até que venha o fim do qual te falei desde o início.⁴⁵

Na 6ª visão do livro, no início do capítulo 13, o Messias é um homem vindo do coração do mar e que voava com as nuvens do céu. Há uma semelhança com o “Filho do Homem” descendo sobre as nuvens do céu que aparece em Daniel 7, 13.

Depois de sete dias, tive um sonho durante a noite. Um vento violento se levantava do mar e tumultuava suas ondas. Esse vento fazia aparecer do coração do mar a semelhança de um homem. Esse homem voava com as nuvens do céu.⁴⁶

De acordo com Baldwin, “*com as nuvens do céu*” lembra o pacto do Sinai, pois na narrativa do Êxodo a glória do Senhor aparecia na nuvem (Ex 16,10; e na inauguração do pacto, 19, 9) e aquele que vem com as nuvens é semelhante a um ser humano no sentido de ser “*Ele*” o que todo ser humano deveria ser, se fosse realmente fiel ao modelo original, isto é, alguém feito à imagem de Deus (Gn 1, 26-27).⁴⁷

Sua aparição é acompanhada pelos sinais tradicionais da teofania. Seus poderes são sobrenaturais, e ele representa bem mais que a restauração do reino davídico, por encarnar muitas características do salvador celestial. Apesar destes poderes sobrenaturais, este Messias é humano, morrerá e virá para libertar sua criação, conforme o capítulo 7 de 4Esdras.⁴⁸

Segundo Diez Macho, o Messias pode ser identificado como preexistente, protetor do povo fiel, juiz e guerreiro, que aparece sobre o monte Sião para julgar as nações.⁴⁹

⁴⁵ Cf. 4Esdras 12, 33-34.

⁴⁶ Cf. 4Esdras 13, 1-4.

⁴⁷ BALDWIN, Joyce G. Daniel: introdução e comentário, p. 151.

⁴⁸ COLLINS, J. J. A Imaginação Apocalíptica, p. 299.

⁴⁹ DIEZ MACHO, A. Apócrifos del Antiguo Testamento, Vol. I, p. 256.

4. As figuras messiânicas: semelhanças e diferenças

Muitos autores acreditam que as expectativas judaicas não tinham um entendimento uniforme nem sobre o tempo da salvação, nem sobre quem conduzirá os acontecimentos finais. Para Voigt, a figura messiânica não era vista exclusivamente como figura real ligada à linhagem de Davi. O messias poderia ser qualquer um que desempenhasse um papel no fim dos tempos como representante da ação divina.⁵⁰

Nas três figuras messiânicas presentes em 4Esdras, podemos identificar semelhanças ao Messias descendente do Rei Davi. Representa o rei ideal, capaz de fazer justiça em favor dos desvalidos, julgando a todos conforme a Torá para estabelecer a unidade política e religiosa de Israel e consequentemente a paz universal.

Silva e Silva acreditam que poderíamos sintetizar as figuras messiânicas em duas vertentes, uma mais política, seguindo o Messias Rei Davi, atendendo mais a expectativa das classes dominantes e outra mais apocalíptica, de acordo com o modelo do personagem divino conhecido como *Filho do Homem*, atendendo a expectativa das classes pobres.⁵¹

Além das semelhanças com a descendência de Davi, a 5ª e a 6ª visão se encontram conjugadas as ideias tipicamente apocalípticas do profeta Daniel. Na 5ª visão, o Messias representa a figura do leão que vai se levantar da posteridade de Davi, rugindo e censurando a águia⁵² que é vencida. Ele castigará ateus e injustos, trazendo-os diante do tribunal e os destruindo. Na 6ª visão, a figura do homem vindo do coração do mar, voando *com as nuvens do céu*⁵³, virá redimir os moradores da terra, destruindo os inimigos sem espada ou qualquer outra arma⁵⁴. Segundo Voigt, a figura semelhante ao “Filho do Homem”, que aparece na 6ª visão e no livro do profeta Daniel, tornou-se uma das mais importantes representações do Messias, pois é Deus quem guia a história e é ele quem trará seu juízo e sua salvação para os santos, também para os mortos (Dn 7, 18.27; 12, 2; 4Esd 13, 29).⁵⁵

Carvalho destaca que no período pós-exílio, principalmente após a destruição do segundo templo no ano 70 d.C., a esperança na intervenção futura e salvadora de Deus na história, mesmo sem abandonar as figuras do messianismo davídico, se enriquece com novas imagens e novos horizontes, em que o papel da intervenção direta de Deus ganha um relevo mais acentuado, que virá a assumir dimensões de totalidade com o surgir do movimento apocalíptico.⁵⁶

⁵⁰ VOIGT, Emilio. *Messias e Reino de Deus*, p. 75.

⁵¹ SILVA, Severino C. da; SILVA, Valmor da. *O Messias no Judaísmo e no Cristianismo*, p. 263.

⁵² C.f. 4Esdras 12, 31-32.

⁵³ C.f. 4Esdras 13, 1-3.

⁵⁴ C.f. 4Esdras 13, 25-29.

⁵⁵ VOIGT, Emilio. *Messias e Reino de Deus*, p. 67.

⁵⁶ CARVALHO, J. O. *Origem e evolução do messianismo em Israel*. Didaskalia, p. 37.

4.1. Relação

De acordo com Desroche, o messianismo foi definido como sendo:

[e]ssencialmente a crença religiosa na vinda de um Redentor que porá fim à ordem atual de coisas, quer seja de maneira universal ou por meio de um grupo isolado, e que instaurará uma nova ordem feita de justiça e de felicidade.⁵⁷

Desroche acredita que o messianismo traz a concepção de um messias que implica uma identificação profunda com Deus, geralmente um elo de parentesco unindo-os por um vínculo nativo, diferentemente do profeta, que apenas recebe uma missão de Deus ou de um agente sobrenatural supremo e estabelece uma união por uma ligação eletiva.⁵⁸

Num sentido teológico, Desroche afirma que na concepção de crenças judaicas, o messianismo se aplica aos ensinamentos ou aos movimentos que prometem a vinda de um enviado de Deus, chamado para restabelecer sobre a terra, a justiça.⁵⁹

Podemos identificar nas duas figuras messiânicas de 4Esdras, uma relação muito clara de uma filiação divina. Na 3ª e 6ª visão de forma explícita, ambos são chamados de filhos.

3ª visão: Meu filho, o *Messias*, será revelado juntamente com todos aqueles que lhe pertencem. Os sobreviventes alegrar-se-ão durante 400 anos. Depois disso, meu filho, o *Messias*, morrerá com todos os que têm um hálito humano.⁶⁰

6ª visão: Quando essas coisas acontecerem e que os sinais que te mostrarei anteriormente se tiverem realizado, então será revelado meu Filho, que viste na forma de um homem subindo do mar.⁶¹

Na 5ª visão, apesar do messias surgir na forma de um leão, ele possui voz humana e virá da linhagem de Davi. A humanidade do Messias aparece como uma característica marcante com relação a 3ª e a 6ª visão do livro.

Então ouvi uma voz que me dizia: Olha na tua frente e considera o que estás vendo. Olhei e eis que uma criatura parecida com um

⁵⁷ DESROCHE, Henri. Dicionário de messianismos e milenarismos, p. 20.

⁵⁸ Ibidem, p. 21.

⁵⁹ Ibidem, p. 21.

⁶⁰ C.f. 4Esdras 7, 28-29.

⁶¹ C.f. 4Esdras 13, 32.

leão levantou-se da floresta rugindo. E ouvi quando se expressava em voz humana à águia.⁶²

Quanto ao leão que viste se levantar da floresta rugindo, falando com a águia e censurando sua impiedade com todas as palavras que ouviste, é o *Messias*, que o altíssimo guardou até o fim dos tempos, e que levantar-se-á da posteridade de Davi.⁶³

Encontramos também nas três visões, relações muito particulares que os identificam e que são próprias dos escritos apocalípticos, um julgamento final. Os injustos e pecadores serão condenados e castigados e os justos, fiéis seguidores da Torá e piedosos, serão recompensados.

Na 3ª visão, o julgamento é conduzido pelo próprio Deus:

O Altíssimo revelar-se-á no trono do julgamento, a misericórdia já não terá mais lugar: a paciência esgotar-se-á; somente o julgamento permanecerá; a verdade ficará em pé; a fidelidade tornar-se-á forte. A recompensa acompanhará; e a retribuição será manifestada: as obras de justiça acordarão; e as obras injustas não adormecerão.⁶⁴

Nas 5ª e 6ª visões, os julgamentos serão intermediados pelos respectivos Messias:

Primeiramente fá-los-á comparecer ainda vivos perante seu tribunal, e depois de os ter condenado, os destruirá. Mas ele libertará com misericórdia o resto de meu povo, os que tiverem sido salvos no meu país, e os alegrará até que venha o fim do qual te falei desde o início.⁶⁵

Mas ele ficará no cume do monte Sião. Sião aparecerá e será manifestada para todas as nações, preparada e edificada, como viste a montanha arrancada sem intervenção de mãos humanas. Ele, meu filho, reprovará, a assembleia das nações por sua impiedade (isto é simbolizado pela tempestade), e as acusará na cara pelos seus planos iníquos.⁶⁶

⁶² C.f. 4Esdras 11, 36-37.

⁶³ C.f. 4Esdras 12, 31-32.

⁶⁴ C.f. 4Esdras 7, 33-35.

⁶⁵ C.f. 4Esdras 12, 33-34.

⁶⁶ C.f. 4Esdras 13, 35-37.

5. Conclusão

O estudo permitiu uma maior compreensão sobre o surgimento dos diversos escritos denominados apocalípticos que aparecem principalmente após a segunda destruição de Jerusalém pelos romanos no ano 70 d.C.

Foram identificadas semelhanças na estrutura, divisão e escrita entre 4Esdras e 2Baruc, apocalipses pseudonimicamente atribuídos a escribas da Antiguidade. De acordo com Nickelsburg, os dois apocalipses usam a primeira destruição de Jerusalém em 587 a.C. como um ambiente ficcional e retrata escribas de coração partido e preocupados, desafiando a justiça de Deus e discutindo com ele ou com os seus anjos, recebendo revelações apocalípticas e se tornando os agentes da consolação de Deus ao seu povo.⁶⁷

Concluimos que o Quarto Livro de Esdras deseja transmitir sinais de esperança ao povo judeu. As figuras messiânicas presentes nas diferentes partes do livro, possuem traços próprios que os diferenciam, mas também elementos em comum. Representam bem mais do que alguém com poderes sobrenaturais enviado por Deus para libertá-los e julgá-los, mas sim, um modelo de fidelidade à Torá e ao Deus único e verdadeiro, que apesar da destruição e das dificuldades, não abandona o seu povo e continua fiel às promessas. Para os cristãos, esse modelo é Jesus Cristo, que veio como redentor e salvador de toda a humanidade.

Mais importante que a figura dos tempos finais é o tempo final em si, representada pelo ideal messiânico de luta pela justiça e pela paz. Este ideal, ainda representa um desafio para judeus, cristãos e para toda a humanidade.

Referências Bibliográficas

ARANDA PÉREZ, G.; GARCÍA MARTÍNEZ, F.; PÉREZ FERNADEZ, M. *Literatura judaica intertestamentária* – Introdução ao estudo da Bíblia. Vol. 9. São Paulo: Ave Maria, 2000, p. 217-359.

BALDWIN, Joyce G. *Daniel: introdução e comentário*. São Paulo: edições Vida Nova e editora Mundo Cristão, 1987. 223p.

BAUER, Johannes B. *Dicionário Bíblico-Teológico*. São Paulo: Edições Loyola, 2000, p. 157-161.

CARVALHO, J. O. *Origem e evolução do Messianismo em Israel*. Didaskalia. Lisboa, n. 30, n. 1, p. 29-51, jan./jun. 2000. Disponível em: <<https://repositorio.ucp.pt/bitstream/10400.14/18480/1/V03001-029-051.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2022.

COLLINS, JOHN J. *A imaginação apocalíptica: uma introdução à literatura apocalíptica judaica*. São Paulo: Paulus, 2010. 477p.

⁶⁷ NICKELSBURG, G.W.E. *Literatura Judaica, entre a Bíblia e a Mixná*, 2011, p. 502.

DESROCHE, H. *et al.* *Dicionário de messianismos e milenarismos*. São Bernardo do Campo: UMESP, 2000. 504p.

DIEZ MACHO, A. *Apócrifos del Antiguo Testamento*. Vol. 1. Madrid: Cristiandad, 1984, p. 250-258.

FERREIRA, Joel A. *O messias/rei Jesus e os messias camponeses de seu tempo*. Caminhos - Revista de Ciências da Religião, Goiânia, v. 13, n. 2, p. 336-352, jul./dez. 2015. Disponível em: < <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/4295>>. Acesso em: 10 out. 2022.

GONZÁLEZ LAMADRID, A. *et al.*; SÁNCHEZ CARO, J. M (ed.). *História, Narrativa, Apocalíptica* – Introdução ao estudo da Bíblia. Vol. 3b. São Paulo: Ave Maria, 2004, p. 187-251.

HORSLEY, RICHARD A.; HANSON, JOHN S. *Bandidos, profetas e messias: movimentos populares no tempo de Jesus*. São Paulo: Paulus, 1995. 226p.

NICKELSBURG, George W. E. *Literatura Judaica entre a Bíblia e a Mixná: uma Introdução Histórica e Literária*. São Paulo: Paulus, 2011. 664p.

OROFINO, Francisco R. *A Anistia de Neemias: uma leitura de Ne 5 à luz dos decretos de Anistia dos reis mesopotâmicos*. Rio de Janeiro, 2000. 303p. Dissertação (doutorado) – Departamento de Teologia, Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio).

ROST, Leonard. *Introdução aos livros apócrifos e pseudoepígrafos do Antigo Testamento e os manuscritos de Qumran*. São Paulo: Paulus, 1980.

SANTOS, C. A. *Fronteiras entre messianismo judaico antigo e cristianismo primitivo*. Revista Jesus Histórico, Rio de Janeiro, ano VIII, n. 14, p. 68-86, fev./mar. 2015. Disponível em: <<https://www.klineeditora.com/revistajesushistorico/arquivos14/5-carlosedenis.pdf>>. Acesso em: 10 out. 2022.

SILVA, Severino C.; SILVA, Valmor. *O messianismo no judaísmo e no cristianismo*. Caminhos - Revista de Ciências da Religião, Goiânia, v. 15, n. 2, p. 249-267, jul./dez. 2017. Disponível em: < <https://seer.pucgoias.edu.br/index.php/caminhos/article/view/6035>>. Acesso em: 10 out. 2022.

SPARKS, H. F.; DE TILLESSE, C. M. Apócrifos do Antigo Testamento. *Revista Bíblica Brasileira*, ano 17, v. 2, n. 1-2-3, p. 290-325. Fortaleza: Nova Jerusalém, 2000.

VOIGT, E. *Messias e Reino de Deus: aspectos da expectativa escatológica em escritos judaicos dos séculos 2 a.C. a 1 d.C.* Estudos Bíblicos, n. 93, p. 65-76, jan./mar. 2007. Disponível em: < <https://revista.abib.org.br/EB/article/view/617>>. Acesso em: 10 out. 2022.